

## SELETA

# DIAMANTINA

Anibal MATOS

Dentre as cidades históricas de Minas está a tradicional terra dos diamantes, encrustada na base da Serra e oculta misteriosamente para o viajante que chega por via férrea. A cidade propriamente está lá em baixo, ostentando os seus velhos telhados coloniais.

Das cidades históricas de Minas nenhuma, talvez, tenha sofrido tanto por causa de suas fabulosas riquezas naturais. As minas do Serro Frio foram por um século quase o ponto de convergência das leis severas da Metrópole, nessa permanente e humilhante vigilância que tornava um desespero a vida dos laboriosos habitantes do Tijuco, sob a ameaça constante dos mais cruéis castigos como contrabandistas e ladrões do erário real. O despotismo ali colocara os prepotentes asseclas da Coroa, que aplicavam a seu talante as penalidades mais severas, de prisão e confisco. O Intendente usava e abusava de sua autoridade, a mercê de meros caprichos. Era de desassossego e de terror o ambiente das lavras do Tijuco. Os historiadores afirmam com razão que, em nenhuma parte do território das Minas, a crueldade do dominador chegou a tão elevado grau como nos terrenos diamantinos. Os extremos aí praticados contrastavam ainda com a índole pacífica e ordeira do povo.

O colonizador estava então dominado por um sentimento refinado de maldade e de estupidez, obcecado por imaginários receios e predisposto para o domínio pelo terror e pela escravidão.

Mas, como era de esperar, o excesso da brutalidade e a permanência hostil da afronta foram argamassando o amor pela liberdade com sofrimentos e lágrimas.

A situação do Tijuco era de humilhação e violência. As próprias leis eram ali especiais e consolidadas no célebre **Regimento Diamantino**, repositório famigerado de ordens, leis e bandos iníquos. Todos esses atentados à liberdade foram causa do entusiasmo com que o Tijuco olhou o plano de Inconfidência, nos conciliábulos contra a Metrópole, em casa de José da Silva Oliveira.

A fundação do Tijuco é semelhante a de outras povoações mineiras, que se tornaram as grandes cidades do período colonial. A princípio um descoberto de riquezas por uma "bandeira", depois a atenção dos aventureiros de todos os pontos da Capitania e de outros lugares. Assim se formou o arraial do Tijuco, famoso pela quantidade de ouro e mais tarde pela descoberta do diamante. Não se sabe bem quem o descobriu, pois essas pedras andavam ao alcance dos mineradores, que não lhes davam o valor então desconhecido. Pode-se, no entanto, dizer que houve um identificador do diamante, Bernardo da Fonseca Lobo, para quem o brilho singular de tais pedras determinou um estudo mais atento e as conclusões a que chegou e que o levaram a manifestar à Coroa as suas impressões. Há uma tradição que dá a um frade, já conhecedor das minerações de Golconda o conhecimento dos diamantes do Brasil, ao ver que com os mesmos se serviam os tijuquenses para tentos de jogo. Fala-se aí da esperteza de Bernardo servindo-se da descoberta para ir comunicá-la ao Rei, pelo que foi mais tarde nomeado tabelião e capitão-mór da Vila do Príncipe. Diz Felício dos Santos que o certo é que os diamantes já no ano de 1729 estavam descobertos e eram explorados, embora pouco conhecidos como se depreende das palavras de uma portaria de D. Lourenço de Almeida mandando suspender todas as minerações do ouro nas terras diamantinas.

A notícia do descobrimento dos diamantes motivou júbilos extraordinários em Lisboa. A corte de D. João V realizou esplêndidas festas. Celebraram-se **Te Deuns** e procissões inumeráveis. As primeiras amostras foram para Roma. O papa e os cardeais felici-

taram o rei de Portugal. Todos os monarcas da Europa fizeram o mesmo. Com as medidas tomadas por D. Lourenço de Almeida a mineração quase desfalece. Afinal, essa mesma autoridade pôs cobro à situação pelo bando de 2 de abril de 1732, que autorizou novamente a exploração das lavras diamantinas mediante a capitação de 20\$000.

As partidas de diamantes que apareceram, deslumbrando o mercado de Lisboa, excitaram sobretudo a ambição da corte, que logo imaginou vantagens excepcionais para a fazenda real. E, por isso mesmo, foram desaprovadas as providências dadas por D. Lourenço de Almeida no bando de 26 de junho de 1730, julgando-as "brandas, ineficazes e não garantidoras dos interesses da fazenda real".

As autoridades redobram de vigilância e inúmeras patrulhas foram espalhadas por todos os córregos, rios e terras diamantinas, com o propósito de evitarem o contrabando e a mineração clandestina.

Mas o ouro todo o Brasil talvez não chegasse para as dissipações e loucuras desse degenerado detentor da coroa de Portugal, que malbaratava os negócios públicos com os seus vícios e a sua inépcia administrativa. No entanto, esse rei, que foi o mais rico de seu tempo, rivalizando em grandeza com os maiores monarcas, morreu em absoluta miséria, não se encontrando no seu cofre dinheiro que chegasse para o seu funeral. Por aí se pode imaginar o sacrifício da colônia alimentando cortes devassas e dissolutas.

Para melhor defesa dos interesses da Coroa foi criada a Intendência dos Diamantes. Para o cargo de primeiro intendente fora nomeado um homem de grande fama de probó, o dr. Rafael Pires Pardini, então com 70 anos de idade. A Corte sabia, com toda a razão, que o lugar de intendente era muito delicado e exigia de seu ocupante a maior ponderação e diplomacia. A nomeação foi, no entanto, acertada, pelo caráter firme de magistrado em que recaía, pela sua real competência jurídica e pelo zelo com que se desempenhou de suas melindrosas obrigações...

Dentre as figuras mais nobres desse passado da história de Minas, destaca-se a de Felisberto Caldeira Brant, que encheu de brilho, de elegância e de generosidade uma época empolgante do Tijuco. Os costumes se assemelhavam aos da Metrópole. Os homens apareciam com as cabeleiras em rabicho, chapéus à moda Frederico, camisas de folhos, coletes bordados de lantejoulas, calções apertados com fivelas de ouro, sapatos pretos pontiagudos, bastões grossos com castão de ouro, relógios com cadeia de cornalina, e, à cinta, floretes de bainhas de ouro, em forma de S e que foram as célebres "adagas de gancho".

As senhoras traziam nas cabeças coifas de seda branca, camisas de folhos, apertadas ao pescoço, espartilhos de barbatanas, pesados brincos de pedraria encastoada, saias imensas de roda, sapatos com saltos de madeira e bicos pontiagudos e traziam os dedos quase inteiramente cobertos de anéis.

Infelizmente a estrela do contratador iria desmaiar em brilho com a perseguição que passou a sofrer do intendente Sancho de Andrade Castro e Lanções, obediente às ordens secretas do governador Gomes Freire de Andrade.

Depois do contrato do malogrado Caldeira Brant, assistimos ao poderio do desembargador João Fernandes de Oliveira, que esteve longe de ser o perseguidor acérrimo do garimpo, preocupado talvez com a sua vida de nababo, manchada por uma inclinação amorosa inferior, que deu causa ao prestígio da célebre Chica da Silva, mulata bronca e ambiciosa. Tornara-se inexplicável o domínio que essa mulher de ínfima condição exercia, a ponto de ver sempre satisfeitos os seus mais absurdos caprichos...

Em 1828, Manoel Sabino de Sampaio Lopes, um moço ourives, de imaginação viva, entusiasta da liberdade, sem nunca ter visto uma tipografia, mas sabendo apenas que a imprensa vencia o despotismo, com notável inventiva formou uma matriz e começou a fundir tipos, aparecendo logo depois o *Eco do Serro*, primeiro jornal da comarca. Seguiram-se outros periódicos. Teófilo Ottoni, perseguido na corte por suas idéias liberais, dali partira trazendo uma tipografia para a Vila do Príncipe, onde publicou a *Sentinela*

do Serro. Em 1832, no Tijuco, já então vila de Diamantina, aparecia o **Diamantino**. Esta ânsia de divulgar o pensamento dá bem uma prova do espírito liberal do povo do Tijuco.

A 4 de junho de 1832 inсталou-se a primeira câmara municipal de Diamantina, que fora elevada a vila, com este nome, desde 13 de outubro de 1831.

Num simples bafejo, foram esses os principais acontecimentos do Tijuco...

(**Monumentos históricos, artísticos e religiosos de Minas Gerais, 465-486. Belo Horizonte, Edições Apolo, 1935**)